

SAIR DO LÍBANO CHEGAR À CAPITAL MARANHENSE: as esperanças dos “syrios” e as condições de vida dos viajantes¹



Ms. Marcelo Vieira Magalhães (UERN / Assú)

marcelosmagalhaes@hotmail.com

Resumo: Apresento aqui a imigração síria e libanesa para a cidade de São Luís a partir de 1885, quando se registram os primeiros imigrantes desembarcando no porto da capital maranhense, até o final da década de 1920. Neste trabalho, discuto a chegada destes na capital e a escolha de muitos pelo interior do estado. A difícil escolha em migrar e os percalços que essa opção impunha aos viajantes.

Palavras-chave: Imigração. Trajetória. História.

Abstract: I present here the Syrian and Lebanese immigration to the city of St. Louis from 1885, when he recorded the first immigrants arriving in the port of São Luís, until the late 1920s. This essay discusses their arrival in the capital and the choice of many within the state. The difficult choice in migrating and obstacles that this option required for travelers.

Keywords: Immigration. Trajectory. History.

¹ Este artigo é uma versão modificada do primeiro capítulo da minha dissertação de mestrado intitulada: Sírios e libaneses na cidade de São Luís (1885-1930): entre táticas e representações, defendida em 2009 no programa de pós-graduação em História da Universidade Estadual do Ceará. Artigo recebido em 15/8/2010 e aceito em 5/10/2010.

O título para este artigo é uma tentativa de enunciar a mudança operada pelos imigrantes sírios e libaneses, nas suas vidas desde a escolha de sair daquela região, até a sua inserção social na cidade de São Luís nas três primeiras décadas do século XX. O que chamo de esperanças dos “syrios” e as condições de vida dos mascates pode ser entendido a partir dos percalços que são impostos a esses imigrantes: as dificuldades religiosas e econômicas na sua terra natal, a demorada travessia do Atlântico, a tensão existente entre parte da sociedade ludovicence² e esses imigrantes, outra língua e uma série de obstáculos que dificultaram a sua inserção social e econômica na capital e no interior maranhense.

O texto está dividido da seguinte forma. Na primeira parte, discuto o contexto histórico da Síria e do Líbano, apresentando alguns motivos para a imigração síria e libanesa e a escolha de parte deles pelo interior do estado do Maranhão, já que a imigração desse grupo é caracterizada pela opção de centros urbanos. Num segundo momento, detenho-me nas condições da viagem, na longa travessia do Atlântico e nos problemas enfrentados por esses viajantes.

Opto por um texto narrativo, mais descritivo, sem intervenções teóricas, mas dialogando com a documentação e com uma bibliografia produzida em parte no Maranhão, e outra mais ampla, na tentativa de demonstrar e analisar a trajetória das mulheres, mais especificamente de homens, que decidiram sair de sua terra natal, da proximidade da família para construir uma outra história, a história de suas vidas e da cidade de São Luís.

A imigração síria e libanesa para o Maranhão se dá ao mesmo tempo em que se pode notá-la no Brasil como um todo. Iniciada por volta de 1880, ganhou força no Brasil e no Maranhão nas primeiras décadas do século XX. De caráter espontâneo, ao contrário do que se assistiu no Sul e Sudeste brasileiro, onde o Estado subvencionava a importação de imigrantes europeus, os sírios e libaneses desembarcaram em nossas terras sem a ajuda do Estado ou o interesse da elite agrária brasileira.

Com o iminente fim da escravidão, os grandes proprietários de terras se articularam junto ao Estado para solucionar o problema da falta de mão de obra que estava por vir. Estado e proprietários tinham visões diferentes da solução do problema. Para o primeiro, essa era a grande chance de eliminar ou pelo menos aliviar a presença negra na formação étnica do brasileiro, a vinda de imigrantes essencialmente europeus (brancos, “civilizados” e de preferência católicos) parecia ter dupla solução para seus defensores: embranquecer o Brasil e civilizá-lo. O europeu traria ainda novas técnicas agrícolas e serviria de exemplo para o

² Quem nasce em São Luís.

trabalhador nacional, pois tinha amor ao trabalho, enquanto o nativo era pouco afeiçoado à labuta, defendiam os burocratas. Já para os grandes proprietários de terras, o imigrante era indispensável, independentemente de onde vinha. O que era mais urgente para estes era solucionar o problema da mão de obra (ALENCASTRO, 1997).

No caso dos sírios e libaneses, Estado e grandes proprietários não se interessaram. Sua chegada ao Brasil estava ligada aos fatores conjunturais de sua região e às oportunidades que se abriam na América. Tomo a região do Líbano como exemplo para entender esse processo migratório nas últimas décadas do século XIX.

Marcada pela dominação turca até o fim da Primeira Guerra Mundial e depois pela francesa até a década de 1940, o que hoje conhecemos como Líbano pode-se dizer que é extremamente recente.

Não é objetivo deste texto discutir o contexto histórico, econômico, social ou cultural do Líbano ou ainda, exaurir a discussão sobre os motivos que levaram a emigração de milhares de libaneses, muito menos os porquês da escolha pelo Brasil, pois entendemos que outros trabalhos já o fizeram muito bem (GATTAZ, 2005), porém se fazem necessárias algumas considerações.

Durante os anos de dominação otomana, parte da população libanesa sofreu uma série de perseguições. A mais conhecida e que muitos estudiosos atribuem como fator preponderante para a saída de milhares de libaneses do Líbano é o massacre de 1860, quando milhares de cristãos foram mortos ou se tornaram refugiados. Para Truzzi (1997), deve-se dar uma importância secundária à perseguição religiosa como fator relevante da imigração, já que os massacres contra os cristãos aconteceram em 1860, e o processo migratório ganhou força a partir de 1880.

Mesmo que discorde de Truzzi e considere esse fato como relevante para a imigração libanesa, tenho que pensar em outros obrigatoriamente. A partir de 1903, os turcos passaram a obrigar os libaneses cristãos a servirem em seu exército e a lutarem nas guerras dos Bálcãs, “o que os deixou ainda mais inconformados com seus dominadores, forçando muitos jovens a emigrar como meio de fugir ao recrutamento” (GATTAZ, 2005. p. 26). Para Gattaz, os prejuízos do recrutamento eram não somente físicos, já que corriam o risco de morrer ou ferir-se gravemente, mas também econômico e psicológico:

Para os cristãos libaneses, o recrutamento, além de complicar a vida econômica da família e o desenvolvimento pessoal do indivíduo, significava verdadeiros riscos físicos, além de simbolizar uma submissão total e humilhante aos dominadores otomanos (GATTAZ, 2005. p.26).

É óbvio que esses motivos bastariam para justificar a saída de qualquer pátria, mas

muitos se lançaram na aventura da imigração em função de um:

[...] conjunto de necessidades econômicas e materiais decorrentes da relação entre a pequena produtividade agrícola e a alta densidade populacional que desde meados do século XIX caracterizou aquele país (GATTAZ, 2005. p. 23).

A pouca quantidade de terra distribuída em pequenos lotes familiares não suportou o crescimento populacional vertiginoso assistido no século XIX, gerando pobreza nas zonas rurais. Esse problema, segundo Gattaz (2005), desempenhou papel importante nas motivações para a imigração ao longo da primeira metade do século XX.

A fuga da pobreza e da perseguição religiosa, assim como a busca ou a manutenção de estilo de vida mais promissor, levou os libaneses à Austrália, à África, ao Oriente Médio e à América, sendo os Estados Unidos o lugar escolhido pela maioria. O Brasil, segundo destino mais procurado na América, foi para muitos dos primeiros imigrantes um acidente de percurso, interessados em residir nos Estados Unidos, muitos tiveram suas expectativas frustradas pelo Serviço de Imigração Americana ou pelas falsas promessas dos agenciadores, que os faziam desembarcarem no Brasil, “afinal tudo era América”.

Os primeiros imigrantes sírios e libaneses emigraram ao Brasil por não terem conseguido visto para os Estados Unidos ou por não contemplarem as condições de exigência de entrada em solo americano. E para não retornarem a pátria de origem, desembarcaram no Rio de Janeiro, uma vez que faz parte do continente americano. Outros desembarcaram em Santos, por vezes acreditando fielmente estarem nos Estados Unidos, muitas vezes até enganados por agentes de navegação. Finalmente, há aqueles que vieram justamente por já terem parentes no país [...] (SIQUEIRA, 2006. p. 2).

O Brasil, por sua vez, oferecia menos resistência à imigração como um todo, mesmo defendendo a imigração européia como a ideal, além disso, as andanças de “desbravadores” libaneses e sírios pelo Brasil atraíram seus parentes, indicando a possibilidade de uma vida marcada pelo trabalho, mas recompensada.

A busca de um lugar: capital ou interior?

Os principais pontos de atração no Brasil foram São Paulo e o Amazonas (CABREIRA, 2001, p. 94). O primeiro, por ser o grande centro comercial e estar próximo do porto de Santos, uma das principais portas de acesso dos libaneses ao Brasil; e o segundo pela promessa do enriquecimento através da exploração da borracha. Minas Gerais, Bahia, Rio de Janeiro, o Nordeste e Sul do país também receberam grandes contingentes de estrangeiros. Um indicativo da pulverização da imigração síria e libanesa no Brasil pode ser percebido por meio da distribuição geográfica das produções histórica, jornalística e memorialista que discutem a imigração sírio-libanesa no território nacional, bem como de documentos históricos³. A imigração síria e libanesa se caracteriza por ser essencialmente urbana, mas as capitais e as grandes cidades nem sempre foram de sua preferência, muitas vezes os imigrantes buscaram alternativas de sobrevivência longe dos grandes centros.

Entre as motivações estariam a concorrência e os altos preços dos aluguéis. Truzzi reproduz uma história de um libanês que desembarcou no porto de Belém e foi abordado por um grupo de patrícios que o aconselhou a voltar para o navio e descer em outro local, pois naquela cidade já havia libaneses demais (TRUZZI, 1991). O médico e antropólogo maranhense Olavo Correia Lima (1981), em um pequeno trabalho dedicado à imigração síria e libanesa no Maranhão, já levantava a hipótese da concorrência para justificar a procura pelo interior. Magda França (1991) afirma, categoricamente, baseada em depoimentos, que a maioria iniciou sua morada no Maranhão, primeiramente no interior para, posteriormente, migrar para a capital.

Em artigos dirigidos contra a imigração síria e libanesa no início do século XX na capital maranhense, surgem referências ao aumento do aluguel de pontos comerciais, que por sua vez é atribuído à presença desses imigrantes no comércio. No dia 13 de janeiro de 1900, no jornal *Diário do Maranhão*, um leitor que assinava com o pseudônimo de Golias e que

³ Só para citar alguns exemplos, podemos encontrar trabalhos no Pará: “Os libaneses no Pará” (Desconheço o nome do autor), obra escrita por um jornalista, descendente de libaneses; no Maranhão temos duas monografias de graduação do curso de História da Universidade Federal do Maranhão: uma delas é a de Robson Ruitter M. Santos: “Estudo da imigração libanesa no estado do Maranhão”. No Rio de Janeiro, um artigo de Ana Maria Mauad: “Trajetória familiar e imigração libanesa no Rio de Janeiro” em *Histórias de imigrantes e de imigração no Rio de Janeiro*; No Rio Grande do Sul, podemos citar o livro *Sírios e libaneses: aspectos da identidade no sul do Brasil*, de Cecília Kamel, uma professora de línguas que faz pesquisa antropológica. Na Bahia, em Pernambuco, no Rio Grande do Norte, no Amazonas e no Piauí, as referências aparecem na documentação pesquisada (Registros do porto de São Luís e Registros das pensões e casas de cômodos de São Luís) que cita esses lugares como pontos de origem ou destinos de viajantes libaneses e sírios.

escrevia em defesa da presença dos “syrios”⁴ no comércio local, confirmava o aumento no preço dos aluguéis, mas eximia-os de qualquer culpa. “Alguns ingênuos queixão-se que depois da chegada dos syrios as casas próprias para estabelecimentos subirão os alugueis, e atribuem este facto, não à carestia da vida, mais à influência desta colônia [...]”. (DIÁRIO DO MARANHÃO, 13 de outubro de 1900, p. 3).

Apesar de negar a culpa dos “syrios” pelo aumento dos aluguéis, em outro trecho do mesmo artigo Golias afirma que os antigos locatários de pontos comerciais se deixaram seduzir pelo dinheiro dos comerciantes libaneses, que buscavam lugares privilegiados para instalar seus negócios, como deveriam ser as barracas da Intendência Municipal:

[...] no momento em que pretenderão elles sublocar alguns aposentos nas antigas Barracas da propriedade da Intendência Municipal, os ex-locatários lhes facilitarão essa aquisição mediante não pequena remuneração que então receberão como indenização pela chave que passarão (DIÁRIO DO MARANHÃO, 13/1/1900. p. 3).

Ambos os fragmentos do texto deixam transparecer a forte presença desse grupo no comércio de São Luís já no final do século XIX se não em quantidade, certamente como um grupo com poder econômico incipiente, mas crescente. Essa tensão entre comerciantes locais e sírios e libaneses também pode ter estimulado alguns desses imigrantes a se desinteressar pela capital e procurar espaços menos densos (e tensos). Mas a escolha pelo interior do estado muitas vezes estava relacionada a outros fatores, como por exemplo, a presença de patricios que migraram anteriormente e atraíam os parentes e amigos com a garantia de emprego.

O Sr. Abdon Salem, nascido no Líbano, imigrou ainda muito jovem para o interior do Maranhão, em 1936, para a cidade de Codó, a convite do irmão Nabi: “Meu irmão tava aqui trabalhando, lutando com meu tio Abdon Murad. Nabi, meu irmão, mandou me chamar para ajudar ele trabalhar [inaudível], eu vim pra cá, eu saio do colégio, eu vim diretamente pra cá pro Maranhão⁵”.

Com trabalho garantido antes mesmo de sair do Líbano, Abdon não encontrou grandes dificuldades para se adaptar. Em Codó, trabalhou muitos anos junto com o irmão na compra e venda de gêneros alimentícios e depois com curtume. Só deixou a cidade e a atividade por não se entender mais com os sobrinhos, filhos de Nabi, indo morar na capital, onde abriu seu próprio negócio, uma lanchonete no centro da cidade, atividade comercial bastante difundida entre aqueles que imigravam, como afirma Gattaz (2005).

⁴ Sírios, árabes, turcos, carcamanos eram alguns dos nomes usados para se referir aos sírios e libaneses, seja por falta de conhecimento da história e geografia daquela região, seja por seus passaportes carregarem essa denominação devido à dominação turca.

⁵ Entrevista concedida por Abdon Salem, em São Luís, em março de 2007.

Outro imigrante, o pai do Sr. Antonio de Jesus Santos, libanês que imigrou para o Maranhão no início do século XX, escolheu a cidade de Arari, interior do estado, por influência dos patrícios que viviam na capital. “De Belém ele veio para São Luís e de São Luís foi pra Arari. Geralmente, eles vinham pra cá para São Luís e aqui que eles procuravam informações com os antigos, patrícios que se deslocavam para diversos locais no interior⁶”.

Além da influência de parentes e patrícios, outro fator que poderia ter estimulado os libaneses e sírios a se fixarem no interior foi a atividade de mascate, que muitas vezes os obrigava a percorrer longas distâncias, possibilitando-os explorar outros espaços para desenvolver seus negócios. Truzzi (1997, p. 46) lembra que “a zona rural constituiu uma base espacial importante às atividades do mascate”. Andando com malas cheias de mercadorias, de barco, a pé ou no lombo de animais, batendo de porta em porta (o “turco da prestação”, como ficaram conhecidos os mascates sírios e libaneses), andavam de cidade em cidade, de fazenda em fazenda, cruzavam divisas municipais e estaduais a procura de compradores para suas mercadorias.

Em *Memórias da Imigração: libaneses e sírios em São Paulo* (GREIBER, MALUF; MATTAR, 1998)⁷, um dos colaboradores, Chafic Nicolau, narrando o início da vida do pai no Brasil, lembra que este chegou ao final do século XIX e, em parceria com outros oito patrícios, juntaram dinheiro e compraram mercadorias para mascatear no interior de São Paulo, viajaram durante oito meses a pé, chegando ao Mato Grosso.

Em outro depoimento coletado pelas autoras, Maria Estefno Maluf conta que seu pai, um imigrante libanês que desembarcou no Brasil em 1879, com apenas dezessete anos, trabalhou aqui durante quatro anos como mascate, visitando muitas cidades à procura de fregueses para suas mercadorias. Logo depois desses quatro anos, resolveu voltar ao Líbano, mas não conseguiu se readaptar e acabou retornando ao Brasil, onde se fixou definitivamente. Maria Estefno relata que durante aqueles “primeiros quatro anos que ele mascateou” foi “a Ribeirão Preto, Rio de Janeiro, Campinas [...] tudo a pé” (1998, p. 181). Posso sugerir que as andanças dos mascates pelo interior podem ter interferido na escolha do lugar para morar e trabalhar, pois o olhar voltado para o comércio possibilitava-lhes perceber espaços mais interessantes para exercer tal atividade.

Por mais que não tome esses depoimentos como descrições fidedignas do real, o que não devemos fazer mesmo, e que os relatos sobre as longas caminhadas contenham um (forte)

⁶ Entrevista concedida por Antonio Jesus Santos, em São Luís, em julho de 2007.

⁷ O livro escrito por três descendentes de libaneses, uma formada em Letras e as outras em Sociologia, traz uma série de cento e um depoimentos de homens e mulheres nascidos no Líbano e na Síria, outros de filhos e filhas de libaneses e de sírios que chegaram ou nasceram no Brasil entre 1880 e 1912.

verniz de exagero, como uma forma de exaltar a imigração síria e libanesa, tenho de convir que o trabalho de mascate exigia que se percorresse longos trechos e que a viagem era realmente demorada, devido às péssimas condições dos meios de transporte na época.

No Maranhão, as dificuldades não pareciam ser menores para quem havia escolhido a atividade de mascate. Alberto Duailibe, filho de um libanês que imigrou para o Brasil em 1898, fala das dificuldades pelas quais o pai passou:

Ele veio pra cá, veio pra cá que o irmão se estabeleceu aqui e a primeira profissão que ele teve foi mascate, ele resolveu vender coisas no interior. Você imagina em 1898 a dificuldade que era levar coisas para o interior, nós fomos ter estradas há pouco tempo, pouco tempo que eu falo é de 50 anos pra cá que as estradas começaram a aparecer e a melhorar e essas viagens a maioria das vezes acontecia de barco⁸.

Mas a opção pelo interior podia ser determinada não pelo próprio conhecimento do território, mas pela indicação de terceiros, como me disse Antonio Santos⁹. Ana Maria Mauad (2000)¹⁰, visitando a trajetória de sua família, mostra como seu bisavô, Elias Giban, que chegou ao Brasil vindo do Líbano no final do século XIX, iniciou seu primeiro negócio no interior de Minas Gerais. Ao desembarcar no Rio de Janeiro com a esposa e os filhos, foram levados por um parente à casa de uma senhora que era uma espécie de protetora dos recém-chegados do Líbano. Ali, os imigrantes encontravam abrigo e eram encaminhados, por ela, para regiões onde o comércio poderia lhes render um bom lucro. Apesar de ter trabalhado para essa senhora durante o tempo em que lá se hospedou, foi a madrinha de Sayde, sua esposa, quem conseguiu por meio de contato com uma comunidade de libaneses encaminhá-los para o interior de Minas Gerais, onde montou uma venda com o dinheiro trazido do Líbano e com “uma ajuda extra da madrinha de Sayde” (MAUAD, 2000, p. 111).

Essa marcante presença do libanês, e também do sírio, no interior dos estados brasileiros, mais especificamente no Maranhão, na primeira metade do século XX, pode ser confirmada por documentos e relatos de viajantes da época. Um desses viajantes foi Eurico Teles de Macedo, engenheiro, carioca, que se mudou para o Maranhão em 1906, quando foi contratado para trabalhar na construção da estrada de ferro que ligava a capital à cidade de

⁸ Entrevista concedida por Alberto Duailibe, em São Luís, em março de 2007.

⁹ Entrevista concedida por Antonio Santos, em São Luís, em maio de 2007.

¹⁰ A autora se utiliza de séries fotográficas de sua família para a reconstituição das memórias e mostra ainda como o uso da fotografia por aqueles que a produziram poderia representar para o outro o seu sucesso econômico e social. O manuseio dessa tecnologia era para poucos, devido ao alto custo das máquinas fotográficas e da revelação dos fotogramas, ou seja, ter uma máquina fotográfica e possuir numerosas fotos reveladas já denotava certo poder aquisitivo. Ser fotografado ao lado de seus automóveis e casarões exuberantes, assim como em passeios pelo campo ou na praia representava exemplos do vigor econômico experimentado por algumas famílias libanesas.

Caxias. O seu relato sobre o Maranhão está em um livro publicado pela primeira vez em 1947 e reeditado em 2001 pelo governo do estado do Maranhão. O livro foi feito de memória e elaborado a partir das impressões que tivera durante suas viagens pelo interior do estado. O autor dedica um pequeno capítulo aos sírios e libaneses, intitulado “Colônia síria”, uma verdadeira apologia aos “sírios”, em que exalta a constituição física privilegiada do imigrante, seu amor ao trabalho e sua contribuição “no desbravamento de regiões quase desertas”, assim como sua obstinação em começar “a sua atividade nos mais recônditos lugarejos do interior e do alto sertão” (MACEDO, 2001, p. 76). Os argumentos de Macedo em relação aos “sírios” estão inseridos em uma tradição literária e historiográfica de exaltação desses imigrantes, tema que oportunamente tratarei em outro texto. Mas, o que é relevante no momento é que ele não deixa dúvidas sobre a presença desse elemento étnico no interior do estado.

Outra importante fonte que me permite percebê-los longe de São Luís é a documentação do consulado francês. Essa série documental possibilita vislumbrar o nível de inserção geográfica dos libaneses e dos sírios, que tinham como destino, além da capital, diversas cidades do interior, a exemplo de Arari, Codó, Viana, Cururupu, Itapecuru, Anajatuba, Coroatá, entre outras. Essas cidades estão localizadas em microrregiões diversas, muitas extremamente distantes umas das outras, o que aponta para a pulverização da imigração síria e libanesa no estado.

Mas antes de buscar o espaço para se fixarem e se espalharem pelo estado, esses imigrantes tiveram de deixar seu lugar e fazer uma longa viagem, que incluía cruzar um oceano, enfrentar doenças e se fazer entender.

As condições da viagem

Cruzar o Atlântico obedecia a estímulos variados, poderia estar relacionado à realidade socioeconômica ou religiosa do sujeito no Líbano e na Síria ou a fatores externos, como as realizações econômicas de patrícios no Brasil¹¹.

Dinheiro e cartas com notícias do Brasil que chegavam ao Líbano e à Síria, exaltando as vantagens de imigrar e a facilidade de enriquecer, estimulavam novos candidatos à travessia. Kaaran (1998), citando o livro de Mintaha Alcuri Campos, *Turcos pobres, sírio*

¹¹ Não é objeto deste trabalho discutir todas as motivações apresentadas por diversos autores relacionadas com a escolha pelo Brasil, procuramos assim restringir a discussão dessas motivações à relação com os parentes que aqui viviam e às impressões construídas por eles sobre o Brasil, por entender que estes respondem a problemática colocada neste texto. Para uma melhor compreensão das motivações relacionadas à escolha pelo Brasil, ver GATTAZ (2005) e TRUZZI (1995, 1998).

remediado e libanês rico: a trajetória do libanês no Espírito Santo, afirma que 32,42% dos seus entrevistados sofreram “a influência dos mesmos aqui residentes, através de cartas e relatos de amigos” (CAMPOS apud KAARAN, 1998, p. 09) e que a maior parte (39,42%) dos entrevistados afirma que vieram para o Brasil porque tinham algum parente.

O chamado de um parente ou amigo podia trazer algumas certezas, o que servia de incentivo. Esse chamado significava para muitos um lugar para morar ou trabalhar, ou ambos. O Sr. Michel Ribane¹², libanês que imigrou para São Luís no início do século, foi atraído pelos tios que “[...] já estavam velhos e não tinham quem tomasse conta da loja, por isso me chamaram [...]”. No Líbano, Ribane, ainda jovem, estudava para ser alfaiate; em São Luís, os tios eram proprietários de um armazém na Rua Grande, principal centro comercial da cidade. Trabalhando atrás do balcão, depois de alguns anos tornou-se sócio dos tios e casou-se com uma de suas filhas.

Em um artigo da *Revista Brasileira de História* de 2002, Alistar Thomson, analisando a relação da história oral e a migração, afirma que a prosperidade de alguns indivíduos que imigravam gerava “imaginários culturais” sobre os futuros locais de destino que alimentava a imaginação dos que ficavam. O autor cita o exemplo dos imigrantes barbarianos

que foram atraídos para a Grã-bretanha pela imagem idealizada de “pátria”, que foi parte de sua formação cultural. Mesmo sendo “perfurado” pelas realidades da discriminação e do trabalho mal remunerado, as cartas dos migrantes mantinham essa imagem para evitar frustrar as famílias que haviam emprestado dinheiro para a viagem (THOMSON, 2002, p. 05).

Na história da imigração síria e libanesa para a América, para o Brasil especialmente não foi diferente, uma imagem extremamente positiva foi sendo elaborada pelos primeiros viajantes, que representavam o país como a terra das oportunidades, do dinheiro e da prosperidade, uma imagem quase idílica foi sendo desenhada, como conta Eduardo Tamer, um descendente de sírio, nascido em São Paulo: “A fama que corria na Síria é que na América a gente pegava um punhado de pedra e virava ouro” (GREIBER; MALUF; MATTAR, 1998, p. 125). As histórias se reproduzem com facilidade quando se trata das representações em torno do Brasil. Truzzi (1997, p. 43), em seu livro *Patrícios: sírios e libaneses em São Paulo*, reproduz um longo trecho da obra literária de Emil Farhat, *Dinheiro na Estrada: uma saga de imigrantes*, baseada em cartas de imigrantes e na sua própria experiência. Farhat descreve que a ideia que se tinha da América era que aqui muito facilmente se enriquecia, que “o dinheiro estava na estrada, pra quem quisesse pegar”. Em outro trecho, uma personagem diz: “volto

¹² Entrevista concedida por Michel Ribane, em São Luís, em novembro de 2005.

podre de rico”.

Se para alguns desses imigrantes do início do século XX o Brasil parecia encantador e cheio de riqueza, para outros havia a certeza de que aqui encontrariam trabalho e abrigo, bem como os aspectos negativos de uma mudança para um continente distante. O primeiro sem dúvida era deixar o lugar onde nasceu e cresceu, abandonar amigos e família, deixar toda uma história de vida. Ali, iniciava os dissabores de uma viagem que começava em casa, sonhando ou devaneando em algum cômodo da moradia.

No Líbano, as relações interpessoais eram extremamente ligadas à região em que o indivíduo vivia, à aldeia onde morava, não havendo para muitos uma identidade com o país, mas sim com a região em que habitava ou nascera e com a família. (GATTAZ, 2005). A decisão de migrar e a escolha de quem migraria eram muitas vezes decididas não individualmente, mas dentro da família, era um investimento que traria resultados para parte da parentela que se envolvia na decisão de viajar. A ideia de que os que migravam eram somente os necessitados, devido às condições econômicas do Líbano, é rechaçada pela maioria dos autores. Para Truzzi (1997), havia uma necessidade de melhorar (ou manter) o padrão de vida da família frente às outras, ou seja, as remessas de dinheiro que saiam do Brasil possibilitavam o acesso a mercadorias até então difíceis de possuir devido ao preço, o que conseqüentemente gerava prestígio na aldeia. Outros migraram já com uma formação superior, formados em universidades no Líbano, mas não conseguiam emprego, o que os obrigava a sair em busca de melhores condições de vida e da possibilidade de exercer o ofício para o qual haviam estudado.

Em relação ao Maranhão, não há como avaliar o nível de educação dos libaneses e sírios, já que os dados censitários disponíveis para a época não apontam para qualquer possibilidade de avaliação. Para o Brasil, alguns autores trabalham com o número de 50% de analfabetos (TRUZZI, 1997). As entrevistas realizadas mostram indivíduos analfabetos, mas também alfabetizados, alguns até bilíngues.

O Sr. Antonio Santos, quando questionado sobre o nível de alfabetização dos pais, lembra que

ele (seu pai) sabia muita matemática intuitivamente, ele não sabia ler, nem escrever, fazia tudo mentalmente, de cabeça mesmo, mas não sabia ler nem escrever, fazia tudo mentalmente, a matemática, letra depois de velho. Adulto, velho já. Ele aprendeu a escrever o nome dele só, só, só e mais nada. Minha mãe nem o nome aprendeu a escrever¹³.

¹³ Entrevista concedida por Antonio Santos, em março de 2007.

Em uma denúncia crime de 1903, onde o acusado de agredir um moleiro era um “sírio”, ele e seu irmão se declaram analfabetos¹⁴.

O analfabetismo, com toda certeza, trazia uma série de dificuldades para o imigrante que se propunha a negociar, porém, para muitos, já alfabetizados ou mesmo letrados, as dificuldades devem ter sido menores. Henry Duailibe¹⁵, nascido no Maranhão e filho de libaneses que imigraram no início do século XX, relembra que depois do casamento seus pais, no Líbano, voltavam de navio, quando este teve de parar em Paris para manutenção. Sua mãe, que falava fluentemente francês, serviu de intérprete entre os libaneses que viajavam no navio e a tripulação. Abdon Salem conta que suas dificuldades de adaptação foram amenizadas devido ao conhecimento da língua francesa:

Eu não sabia ler, escrever português, era francês, eu cheguei lá sozinho, muito bem. Nessa situação de francês/português, eu comprei um dicionário português/francês aqui, qualquer palavra que eu não sabia e tudo eu procurava no dicionário, lia jornais, lia revistas, tudo eu lia direitinho algumas delas eu compreendia, outras eu não compreendia é porque não estava a par do estudo em português¹⁶.

A dificuldade dos imigrantes em se comunicar com a tripulação do navio e com o pessoal de terra nos portos europeus e nas cidades brasileiras para onde se dirigiam não era o único problema dos viajantes. Passagens caras, travessia longa e demorada, condições pouco confortáveis, doenças, muitas paradas e trocas de navios eram outros percalços enfrentados por aqueles que decidiam emigrar.

O trajeto para o Maranhão era penoso para os primeiros que desembarcaram no porto de São Luís no final do século XIX e início do XX, devido à lentidão dos navios movidos a vapor. Mauad (2000) relata que a viagem do seu avô Elias com a família, do Líbano para o Rio de Janeiro, demorou três meses. Já Guilherme Afif¹⁷, que chegou ao Brasil em 1908, diz que no tempo de sua viagem elas demoravam trinta, quarenta dias. Esses depoimentos podem ser confirmados pela documentação do Registro do porto de São Luís. O vapor inglês “Amazonense”, procedente de Liverpool, demorou 42 dias para chegar à cidade de São

¹⁴ Denúncia crime contra Filipe Aboud, acusado de agressão, 1903.

¹⁵ Entrevista concedida por Henry Duailibe (filho de pais libaneses que imigraram no início do século XX), em março de 2007.

¹⁶ Entrevista concedida por Abdon Salem, em São Luís, em março de 2007.

¹⁷ Depoimento concedido a Greiber, Maluf e Mattar (1998).

Luís¹⁸. Do Rio de Janeiro para São Luís, por exemplo, podia-se demorar até quatorze dias¹⁹; vindo de Manaus, seis²⁰.

A travessia se tornava demorada devido às inúmeras paradas em portos europeus e brasileiros ou pela troca de navios, como relatou Gib Farah a Magda França (1991, p. 24):

Primeiro viemos em Itália, Gênova. Passamos um mês e três dias em Gênova, passamos de navio, eu estava grávida de Conceição, buchada já. De lá viemos pra cá. Passamos em África, de África viemos para o Rio. Do Rio pegamos navio [...] e viemos para cá, para São Luís. Passamos em Bahia, passamos em Pernambuco, passamos nessas cidades, passamos de navio. Passamos em Tutoia e de Tutoia viemos para São Luís.

A permanência em cidades portuárias, que podia durar semanas, muitas vezes estava condicionada à oportunidade de amealhar recursos para continuar a viagem, como narra Conceição Aboud no seu romance *Galhos de cedro*²¹. O texto traz a história da viagem de Nabira e de outros libaneses, sobre os quais diz: “[...] muitos se empregavam em Marselha, fazendo trabalho bruto, para arranjar dinheiro que os transportariam para a terra da promessa” (VIVEIROS, 1992, p. 152).

Nem todos eram obrigados a permanecer dias ou semanas naquelas cidades a fim de tentar juntar dinheiro para continuar a viagem. Como já foi colocado, muitos vinham com o dinheiro da família, suficiente para a viagem ou até para iniciar um negócio. Essa permanência era muitas vezes para esperar outro navio ou aguardar a manutenção da embarcação em que viajavam, como contou Abdon Salem em entrevista:

P - O senhor pegou o navio onde?

Abdon Salem - Navio em Beirute, navio Galilia, italiano.

P - O senhor descia e pegava outro navio?

Abdon Salem - Outro navio sim, nós descíamos e pegava outro navio na Itália.

P - Mas nessa mudança o senhor ficava quantos dias na Itália mais ou menos?

Abdon Salem - Quatro dias, cinco dias, até o navio ajeitar as coisas dele e tudo, com passageiro, passageiro aos monte, era. Aí pegava Netúnia, o nome do navio italiano... Eu desci em Recife²².

Para Abdon Salem, a viagem durou cerca de vinte e dois dias, o que ainda era bastante sacrificante. Abdon começou sua viagem no porto de Beirute, em 14 de setembro de 1936, e

¹⁸ Registro do Porto. Movimento do dia. Entrada: 19/8/1895. A embarcação fez escalas em algumas cidades da Europa e no Pará.

¹⁹ Registro do Porto. Movimento do dia. Entrada: 17/07/1897.

²⁰ Registro do Porto. Movimento do dia. Entrada: 28/2/1895.

²¹ As referências a essa obra são retiradas de parte de uma reprodução encontrada em Jerônimo de Viveiros, *História do Comércio do Maranhão* (1896-1934). Reedição fac-similar promovida pela Associação Comercial do Maranhão, em 1992.

²² Entrevista concedida por Abdon Salem, em março de 2007.

vinte e dois dias depois desembarcava no Recife. Depois de atravessar o Atlântico (da Itália para Recife) em um navio de luxo, teve que trocar mais uma vez de embarcação e enfrentar a maresia e a dificuldade de navegar a costa maranhense (ALENCASTRO, 2000). Em seu depoimento afirma: “Aí passei dois, três dias, eu vim no navio Itanajé, ave maria quase morro, quase morro nesse navio, saí de um luxo, um luxo para o navio Itanajé. Deus me livre, navio costeiro dos brasileiros, horrível, aí desci aqui na rampa, desci na rampa, quem recebeu era o delegado marítimo²³”.

Apesar do privilégio do Sr. Abdon Salem, de viajar em um navio de luxo, a maioria dos imigrantes era, certamente, transportada de terceira classe, como acontece no romance *Galhos de Cedros*, com a personagem Nabira e o grupo de libaneses que com ela imigra. Apesar de ter sido encontrado um único registro de libanês viajando de terceira classe, pode-se imaginar que essa era a regra, já que muitos dos imigrantes compravam suas passagens com dinheiro emprestado ou tinham que trabalhar em cidades portuárias para completar o valor do bilhete²⁴. Mas mesmo os que traziam recursos suficientes, provavelmente preferiam uma passagem mais barata, já que o dinheiro que traziam tinha destino certo: começar um negócio. Independentemente da classe que se viajava, a escolha pelo Brasil saía mais cara:

Maior distância e dificuldade de chegada do que os EUA e Canadá – no começo do século, os vapores saídos da Itália ou de Marselha levavam em média onze, doze dias para chegar aos Estados Unidos: para a América do Sul, gastavam de 16 a 23 dias. A relação refletia-se nos preços das passagens, que eram bem mais baratas para os Estados Unidos. (GATTAZ, 2005).

Além de mais cara, a viagem para o Brasil era também mais degradante, considerando a longa jornada, o desconforto e o descuido que havia na terceira classe. Mais uma vez recorro à narrativa de Conceição Aboud: “Enganados pelos intermediários, passagens de terceira classe em porões infectos custavam-lhes os olhos da cara”.

Essas viagens eram cansativas não somente pelo longo tempo de permanência no vapor ou pelo valor das passagens, mas também devido às condições pelas quais os passageiros passavam, pois constantemente tinham que conviver com doenças e mortes presentes nas embarcações em que viajavam no final do século XIX e início do XX, como se pode observar nos Registros do Porto de São Luís.

²³ Entrevista concedida por Abdon Salem, em março de 2007.

²⁴ A referência à classe do passageiro raramente vinha declarada, o que dificulta a localização deste na hierarquia social do navio.

Entre os anos de 1895 e 1901, foram encontrados trinta registros de mortes durante as viagens. Apesar de os anos que registram mortes nas viagens²⁵ não coincidirem com os períodos de maior movimentação dos sírios e libaneses em terras maranhenses, como se verá mais adiante, o perigo era iminente. A alternância de anos com mortes e anos sem mortes pode caracterizar ondas de epidemias que se davam nas grandes cidades do Brasil naqueles momentos. A cidade de São Luís, por exemplo, durante toda a década de 1920, sofreu ameaças de epidemias de febre amarela e varíola. Antes disso, entre 1903 e 1904, a cidade foi aterrorizada pela peste bubônica (PALHANO, 1988). No interior de São Paulo, a personagem Nabira, antes de chegar ao Maranhão, deparou-se com três famílias de libaneses doentes de febre amarela, cuidando de seus patrícios até se restabelecerem (VIVEIROS, 1992).

As embarcações que traziam e levavam brasileiros, europeus e “árabes” eram em sua maioria vapores que variavam de tamanho, capacidade de carga e passageiros, o que com certeza influenciava no tempo de viagem²⁶. Era possível encontrar vapores de 250 até 1999 toneladas²⁷. A tonelagem da embarcação influenciava diretamente no número de pessoas (tripulantes e passageiros) e na carga que podia transportar²⁸. A tripulação do vapor Pernambuco (1999 toneladas), por exemplo, podia ter até 59 tripulantes; outro, com menor tonelagem, como o Odorico Mendes (250 toneladas), podia levar apenas 21 pessoas como tripulação. Esses homens eram vítimas fáceis das doenças que acometiam os viajantes naqueles anos. Entre os vinte e nove mortos encontrados, somente de seis são declaradas as profissões, sendo que três deles eram marinheiros. As longas viagens em condições precárias, a má alimentação, a parada em vários portos e o contato direto com passageiros e pessoal de terra, possivelmente os deixava mais vulneráveis.

Mas as condições econômicas dos viajantes os colocavam como vítimas preferenciais dessas doenças, tanto em terra quanto no mar. É verdade que muitos embarcavam já doentes, alguns em estado grave, como foi o caso do passageiro de terceira classe, Joaquim Batalha, que embarcou no Pará, no vapor Cabral, com destino a Camocim, no Ceará, morrendo no dia seguinte a seu embarque e sendo enterrado em São Luís²⁹. Assim como Batalha, outros passageiros, a maioria viajando de terceira classe, morreram durante sua jornada. Muitas

²⁵ Para 1895 (8 mortos); 1897 (6 mortos); 1900 (10 mortos); 1901 (5 mortos).

²⁶ As informações a seguir foram coletadas nos Registros do Porto de São Luís (movimento do dia), entre os anos de 1885 a 1911.

²⁷ É possível que outros, maiores ainda, ancorassem no porto de São Luís. Como não é objeto da pesquisa o tamanho das embarcações, fica registrado como maior o que foi encontrado (1999 toneladas) durante a procura por passageiros libaneses.

²⁸ Alguns desses vapores transportavam carvão, mas a maioria da carga era declarada como “diversos gêneros”. Além disso, eram eles que transportavam as “malas” que deveriam conter correspondências e dinheiro.

²⁹ Registro do Porto. Movimento do dia. Entrada. 15/3/1902.

famílias não tiveram a mesma sorte que a de Joaquim Batalha, de ter um lugar para visitar seu ente querido. Para muitos, o lugar do sepulcro foi o mar, como aconteceu com o pequeno Manoel, de apenas oito meses, filho de um cearense que retornava a sua terra natal: “Seu corpo, depois de amortalhado e estando em estado de decomposição foi lançado ao mar depois das formalidades do estilo”³⁰. O motivo do lançamento dos corpos ao mar era, normalmente, o estado de decomposição e as longas distâncias a navegar, o que tornaria impraticável a sua manutenção nas embarcações.

Apesar de não ter sido encontrado nenhum libanês entre os mortos, fica claro que viajar era perigoso, e qualquer um estava sujeito às doenças, apesar de, como se afirmou, os passageiros de terceira classe estarem mais suscetíveis a elas. Crianças, adultos, ricos ou pobres eram vítimas em potenciais do beribéri, doença causada pela ausência de vitamina B1, que provocou inúmeras mortes nos séculos XIX e XX. Foi o caso do brasileiro Manoel Belmiro de Sousa, que viajava na primeira classe do vapor “Manaós”, de Manaus para o Ceará, já embarcado naquela cidade “gravemente doente” e vindo a falecer, vítima dessa doença³¹.

Em *Galhos de cedro*, um ataque de febre durante a viagem acaba por matar, em terra, um jovem libanês, apesar dos cuidados de Nabira. O falecimento acontece no barracão que a personagem dividia com um grupo que com ela viajava:

Sofriam muito, principalmente pela falta de alimentação forte e saudável, à qual estavam habituados. Alguns adoeceram. O rapazinho imberbe teve um febrão e o carinho com que Nabira o tratou [...]. O rapaz imberbe morreu ali mesmo, esvaindo-se em disenteria. (ABOUD apud VIVEIROS, 1992, p. 154-156).

Embora a maioria das vítimas fossem os brasileiros, o que pode ser explicado em parte por serem mais numerosos entre os viajantes, não eram, no entanto, as únicas. Além do jovem libanês cuidado por Nabira, encontram-se, entre os mortos, franceses e portugueses que viajavam em embarcações que passavam pelo Maranhão.

Muitos dos vapores levavam um médico a bordo, mas não é possível afirmar se a presença do médico se dava nos momentos mais críticos (de epidemias) ou se era de praxe. O fato é que, dentre os trinta óbitos encontrados, quatorze foram assistidos por um médico de bordo.

³⁰ Registro do Porto. Movimento do dia. Entrada. 28/2/1895.

³¹ Registro do Porto. Movimento do dia. Entrada. 11/4/1900. São atribuídas outras causas-morte aos passageiros, entre elas “síncope cardíaca”, “lesão cardíaca”, impaludismo, inanição, cirrose etc.

A documentação do porto traz outras informações relevantes³². Ela registra, entre os anos de 1885 e 1911, mais de 185 “árabes” embarcando ou desembarcando em São Luís e outras capitais ou ainda em trânsito para cidades no interior do Maranhão. Os números, com certeza, não refletem a realidade em relação à quantidade de libaneses e sírios morando ou transitando pela capital maranhense, o que é impossível de mensurar, nesse período³³. Além dos vapores, que eram o principal veículo para entrar e sair do Maranhão, possivelmente muitos utilizavam embarcações menores ou as poucas e precárias estradas; é bem provável, ainda, que alguns viajantes catalogados como se estivessem chegando a São Luís podem ser os mesmos que estão registrados como se tivessem saído ou feito mais de uma viagem no período pesquisado, o que diminuiria o número de “árabes registrados” circulando pelo Maranhão, embora, por outro lado, evidenciasse o intenso trânsito desse grupo.

Outro problema dessa documentação é que não se pode afirmar se os sírios e libaneses registrados naqueles livros eram visitantes, moradores ou imigrantes. As informações contidas ali relacionadas aos passageiros restringiam-se ao nome, à nacionalidade, à data da viagem, ao destino ou à procedência; se viajavam sozinhos ou acompanhados. Mas, definitivamente, a documentação comprova a presença dos passageiros na cidade, embarcando ou desembarcando, e em relativo intercâmbio com outras partes do estado e do país. Entre as cidades do interior do Maranhão, destacam-se, como destino desses imigrantes, Cururupu, Guimarães e Tutoia. Já em relação aos estados, há uma maior relação dos “árabes”, destacando-se Rio de Janeiro, Bahia, Pernambuco, Pará e Ceará, e em menor intensidade o Amazonas e o Rio Grande do Norte.

Uma questão que necessita de maior investigação é descobrir por que em alguns anos não há registros de imigrantes “árabes” embarcando ou desembarcando em São Luís e, em anos seguintes, se registra uma quantidade significativa, voltando a desaparecer os registros. Não há uma ordem ascendente ou descendente em relação à presença libanesa ou síria a partir dessa fonte. O que se vê, como se pode notar a partir das tabelas abaixo, é uma inconstância

³² Arquivadas no APEM (Arquivo Público do Estado do Maranhão) e investigadas no período de 1885 a 1911, essa documentação é composta por livros que contêm o movimento do porto da cidade de São Luís, as embarcações (vapores) que entravam e saíam da cidade. O conteúdo dessa documentação é riquíssimo. Nela está descrito o tamanho das embarcações (sua tonelage), o que pode dar a ideia do tamanho do porto e sua importância. Alguns dos registros trazem a quantidade de passageiros e sempre os seus destinos ou procedências, o nome e a nacionalidade dos embarcados e desembarcados na cidade. É possível, ainda, perceber o tempo de viagem entre duas cidades, o fluxo de pessoas que chegavam ou saíam da capital e suas nacionalidades: franceses, italianos, portugueses, alemães, russos, argentinos e chilenos, podendo indicar certa relevância econômica e cultural da cidade e/ou uma concorrência forte entre os que migravam. Há, também, o registro das doenças que acometiam os passageiros, levando-os, muitas vezes, à morte, tendo, nessas ocasiões, seus corpos jogados no mar.

³³ O censo de 1937, que traz dados sobre o estado e a capital, no de 1900 e 1920, apesar de apresentar números sobre a presença de estrangeiros, trabalha com números absolutos não distinguindo a nacionalidade.

do fluxo de imigrantes libaneses ou sírios nos registros do porto, justamente em um período em que é denunciada a chegada semanal destes e a sua forte presença no comércio da capital. É o que se lê em um texto de jornal em 1901, no qual um leitor que se posicionava contra a presença libanesa no comércio da cidade reproduz um artigo publicado em uma revista local, a revista do Centro Caxeiral. O autor do artigo conclui que “por sentimentalismo ou indiferentismo, estamos recebendo toda semana pelos Lloyd’s que entram mais libaneses”. (A PACOTILHA, 12/3/1901).

Vejam-se os anos em que mais entraram ou saíram libaneses ou sírios do Maranhão:

TABELA 1

Procedência e quantidade

| ANO | CE | PE | BA | RJ | PA | AM | TOTAL |
|--------------|-----------|-----------|-----------|-----------|-----------|-----------|--------------|
| 1885 | 02 | 01 | - | 01 | 02 | - | 06 |
| 1890 | 12 | 04 | 02 | 12 | 03 | - | 33 |
| 1898 | - | 02 | - | - | 02 | 01 | 05 |
| 1902 | - | - | - | 03 | 03 | - | 06 |
| 1903 | 04 | 06 | - | 01 | 03 | 05 | 19 |
| 1906 | 01 | - | - | - | | - | 01 |
| 1907 | 02 | 05 | - | 09 | 06 | 02 | 24 |
| 1908 | - | - | - | - | 04 | 01 | 05 |
| 1910 | 01 | - | - | - | | - | 01 |
| 1911 | 01 | - | - | - | 03 | - | 04 |
| TOTAL | 23 | 18 | 02 | 26 | 26 | 09 | 103 |

Fonte: Registro do porto de São Luís-MA.

Os anos com maior número de desembarque coincidem com os de embarque, com exceção de 1906, quando desembarca no porto de São Luís um “árabe” procedente do Ceará e não se registra a saída de nenhum, de 1897 e de 1904, anos que registram o embarque desses estrangeiros com destino a outros estados, sem que nenhum patrício destes chegasse à cidade por aquele porto. A coincidência dos anos pode sugerir que alguns deles seriam os mesmos viajantes, ou seja, parte dos que embarcavam ou desembarcavam na capital maranhense fazia o movimento inverso.

TABELA 2

Destino e quantidade

| ANO | CE | PE | BA | RJ | PA | AM | TOTAL |
|--------------|-----------|-----------|-----------|-----------|-----------|-----------|-----------|
| 1885 | 02 | - | - | - | 01 | - | 03 |
| 1887 | 01 | - | 01 | - | - | - | 02 |
| 1890 | 09 | - | - | 01 | 04 | - | 14 |
| 1898 | - | - | - | 01 | 01 | - | 02 |
| 1902 | - | - | - | | 03 | - | 03 |
| 1903 | 02 | 03 | - | 04 | 02 | 01 | 12 |
| 1904 | - | - | - | | 02 | - | 02 |
| 1907 | 04 | 03 | - | 05 | 02 | - | 14 |
| 1908 | 02 | 01 | 01 | | 01 | - | 05 |
| 1910 | 02 | - | - | 04 | - | - | 06 |
| 1911 | - | 01 | - | 01 | - | 01 | 03 |
| TOTAL | 22 | 08 | 02 | 16 | 16 | 02 | 66 |

Fonte: Registro do porto de São Luís/MA.

Os números apontam que entre embarcados e desembarcados, os últimos superam os primeiros, o que pode sugerir que parte do excedente veio para ficar ou fez a viagem de volta nos anos seguintes. Esses dados podem indicar, ainda, não a chegada ou a saída de imigrantes libaneses e sírios na cidade com o intuito de se fixarem, mas o deslocamento deles de uma cidade a outra, para tratar de negócios [como compra e venda de mercadorias], de doenças, experimentar novas possibilidades ou realizar passeio.

Seja como for, junto a outros estrangeiros, os sírios e libaneses circulavam pela cidade, viajavam para o interior, se deslocavam para outras capitais, buscando oportunidades que não desfrutavam nos seus lugares de origem, dos quais tiveram de abrir mão da companhia de amigos e familiares. Homens e mulheres atravessaram o Atlântico, muitos a duras penas em busca de esperança de dias melhores.

Referências

1) Fontes:

a) Entrevistas:

Abdon Salem, depoimento concedido em São Luís, no dia 15 de março de 2007.

Alberto Duailibe, depoimento concedido em São Luís em março de 2007.

Antonio Santos, depoimento concedido em São Luis, no dia 17 de março de 2005.

Henry Duailibe, depoimento concedido em São Luís, no dia 23 de março de 2007.

Michel Ribane, depoimento concedido em São Luis, no dia 11 de novembro de 2005.

b) Jornais:

Diário do Maranhão, 1900.

A Pacotilha, 1901.

2) Bibliografia:

ALENCASTRO, Luís Filipe de; RENAUX, Maria Luiza. Caras e modos dos migrantes e imigrantes In: ALENCASTRO, Luís Filipe de (Org.). **História da vida privada no Brasil: Império**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

_____. **O trato dos viventes: formação do Brasil no Atlântico Sul**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

CABREIRA, Márcia Maria. Cultura e identidade em São Paulo: a imigração síria e libanesa. **Eccos Revista Científica**, São Paulo, n. 1, v. 3, 2001.

FRANÇA, Magda. **O estabelecimento da colônia libanesa no Maranhão**. 1991. Monografia (Graduação em História) – Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 1991.

GATTAZ, André. **Do Líbano ao Brasil: história oral dos imigrantes**. São Paulo: Gandalf, 2005.

GREIBER, Betty Loeb; MALUF, Lina Saigh; MATTAR, Vera Cattini. **Memórias da imigração: libaneses e sírios em São Paulo**. São Paulo: Discurso, 1998.

KARAAN, Amir Ibrahim. **Os libaneses no Brasil**. Disponível em: <www.uff.br/ichf/anpuhrio/Anais/1998/autor/Amir>. Acesso em: 22 set. 2006.

LIMA, Olavo Correia. **Os sírios e os libaneses no Maranhão**. 2. ed. São Luís, 1987.

MACEDO, Eurico Teles de. **O Maranhão e suas riquezas**. São Paulo: Siciliano, 2001.

MAUAD, Ana Maria. Donos de um certo olhar: trajetória familiar e imigração libanesa no Rio de Janeiro In: GOMES, Ângela de Castro (Org.). **História de imigrantes e de imigração no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: 7 LETRAS, 2000.

PALHANO, Raimundo Nonato Silva. **A produção da coisa pública: serviços e cidadania na primeira república: república ludovicense**. São Luís: IPES, 1988.

SANTOS, Robson Rüter Mendonça. **Estudo da imigração libanesa no Estado do Maranhão**. 1998. Monografia (Graduação em História) – Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2000.

SIQUEIRA, Márcia Dalledone. **Revivendo a colônia: o papel da mulher na imigração Sírio-libanesa no Brasil**. Disponível em: <http://www.fazendogenero7.ufsc.br/artigos/M/Marcia_Siqueira_55.pdf>. Acesso em: 17 fev. 2007.

THOMSON, Alistair. Histórias (co)movedoras: história ora e estudos de imigração. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 22, n. 44, 2002.

TRUZZI, Oswaldo Mário Serra. **De mascates a doutores: sírios e libaneses em São Paulo**. Brasília: Sumaré, 1991.

_____. **Patrícios: sírios e libaneses em São Paulo**. São Paulo: HUCITEC, 1997.

VIVEIROS, Jerônimo de. **História do comércio do Maranhão (1896-1934)**. São Luís: Associação Comercial do Maranhão, 1992. v. 2.